

POR MEIO DA ESCOLA PODEMOS TRANSFORMAR O MUNDO: DIÁLOGOS E CAMINHOS PARA A PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIAS EM ESCOLAS

THROUGH SCHOOL WE CAN TRANSFORM THE WORLD: DIALOGUES AND PATHS FOR PREVENTING VIOLENCE IN SCHOOLS

Fernanda Roberta Lemos Silva Marques¹

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo reconhecer o potencial da escola na prevenção de violências por meio de um exercício reflexivo realizado no curso “Violência Escolar e Formação Docente”, ofertado pelo Programa de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco – PIBEX. A partir disso, foi realizada uma revisão sistemática de autores indicados durante o curso como Botler (2020), Botler e Nascimento (2025) Santos e Alves (2023), Schilling (2008) e Moro; Vivaldi, Adduci (2024), em cujos artigos foram analisadas as seguintes categorias: i) definições do que é escola; ii) delineamento do conceito “violência”; iii) qual o papel da escola na prevenção de violências; e iv) caminhos para prevenção de violências por meio do compartilhamento de uma experiência-pesquisa que instrumentaliza o método Teatro do Oprimido para a prevenção de violências em escolas públicas. Por fim, serão analisadas as produções, acrescidas dos poemas, sobre a temática da violência escolar. A revisão sistemática dos trabalhos citados direciona como caminhos para o enfrentamento da violência escolar o trabalho coletivo em rede, ações para a promoção da convivência em escolas e reconhecimento do diálogo para a resolução de conflitos. Ademais, acrescenta a experiência de instrumentalização do método Teatro do Oprimido com esse propósito, a pesquisa compartilha a urgência de espaços de diálogo sobre violências em escolas, e o potencial reflexivo do método para o fortalecimento de comunidades escolares propondo alternativas a fim de transformar a cultura escolar construídas coletivamente.

Palavras-chave: Violências. Escola. Teatro do Oprimido. Caminhos metodológicos.

Abstract

This work aims to recognize the potential of schools in preventing violence through a reflective exercise carried out in the course “School Violence and Teacher Training”, offered by the Extension Program of the Federal University of Pernambuco – PIBEX. From this, a systematic review was carried out of authors indicated during the course, such as Botler (2020), Botler and Nascimento (2025), Santos and Alves (2023), Schilling (2008) and Moro; Vivaldi, Adduci (2024). The following categories

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisadora de pós-doutorado no Centro de Ciência para o Desenvolvimento da Educação Básica: Aprendizagens e Convivência Escolar (CCDEB) no Instituto de Psicologia na Universidade de São Paulo, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6168-3170> e E-mail: eaalemos@gmail.com

were analyzed in the articles: i) definitions of what school is, ii) delineation of the concept of violence, iii) what is the role of schools in preventing violence, iv) paths to prevent violence through sharing a research experience that instrumentalizes the Theater of the Oppressed method for preventing violence in public schools. Finally, from the analyzed productions, poems on the theme of school violence were added. The systematic review of the cited works points to collective networking as ways to confront school violence; actions to promote coexistence in schools; and recognition of dialogue for conflict resolution. Furthermore, it adds the experience of instrumentalizing the Theater of the Oppressed method for this purpose; the research shares the urgency of spaces for dialogue on violence in schools, and the reflective potential of the method for strengthening school communities to propose alternatives for changes in school culture built collectively.

Keywords: Violence. School. Theater of the Oppressed. Methodological approaches.

Introdução

E a escola será cada vez melhor.
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois
Descobrir que não ter amizade com ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente,
frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, É criar ambiente de
camaradagem, É conviver, é se “amarrar nela”! Ora é
lógico... numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar,
crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.
Fragmento do poema *Escola* é, Paulo Freire²

A violência sempre esteve presente em nossa sociedade “se tornando um fermento da inquietação cotidiana” (Costa, 1986, p.9). Nessa perspectiva, autores como Charlot (2006) e Krug (2002) buscaram definições para o conceito de violência. De acordo com Charlot (2006), a violência é nome que se dá a um ato, tratamento, palavra ou situação em que são negados os direitos de um ser humano à dignidade. Por outro lado, Krug (2002, p.13) “compreende a violência como o resultado da complexa interação de fatores individuais, relacionamentos, comunitários e sociais”.

Neste trabalho utilizaremos “violências” no plural para mostrar que a violência comporta muitos significados e formas de expressão na contemporaneidade e em sua complexidade, o que a torna uma questão

² “Poema Escola é”, Paulo Freire, Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/> Acesso: 18 de junho de 2025.

cultural, dando “visibilidade às diferentes situações e aos múltiplos eventos com as motivações e contextualizações várias que a palavra comporta”. (Abramovay, 2024, p.520)

Ocorre que as mudanças sociais e as transformações culturais criam conflitos, contudo o conflito é um fenômeno social importante que está presente em todas as sociedades, sobretudo nas democráticas (Minayo, 2009). A ausência de diálogo e os desafios para lidar com um fenômeno multifatorial culminam em diversos tipos de violência física, verbal, psicológica e/ou simbólica. De acordo com Brasil (2024, p.33), “as violências se entrelaçam e mudam de significado de acordo com o processo social”.

A violência na escola não é problema educacional recente é também um fenômeno social plurifacetado de acordo com Abramovay (2021, p.14) “negligenciado e subestimado durante muito tempo por sociedades e governos”. Nesse aspecto, Brasil (2024, p.32) explica que: “devido às suas especificidades como instituição, a escola percebe, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violências”. Isto é, no cotidiano escolar poderá ser autora de processos violentos, produtora e reguladora de violências.

Estratégias metodológicas para a prevenção da violência escolar é um desafio para pesquisadores, grupos de pesquisa como Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP) por meio do Projeto Observatório de Direitos Humanos em escolas (PODHE)³, Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Moral (GPEM-UNESP,UNICAMP), Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão em Violências Escolares (NEPEVE-UFPE) que têm se dedicado para identificar ações que possam promover a segurança no ambiente educacional e a prevenção de violências.

Neste trabalho para se referir a ações que visam identificar e responder atos de violências na escola, optei por utilizar o conceito de “prevenção” em vez de enfrentamento. De acordo com Silva Junior, Urt (2021) o “enfrentamento” trata-se de uma abordagem com características reativas e disciplinares, ou seja, para enfrentar violências valoriza-se políticas de segurança, programas e protocolos de intervenção.

A abordagem com qual faço diálogo neste trabalho é o conceito “promoção da convivência” fundamentado por Tognetta e Tessaro (2025,p.2) de acordo com as autoras a superação das situações de violências na escola “se dá em função tanto da construção de um contexto de bem-estar

3 Com foco na melhoria da convivência em escolas públicas, o Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE) é uma iniciativa de educação em direitos humanos que pretende oferecer aos adolescentes e jovens uma experiência de formação e vivência em direitos humanos, a partir da construção de um espaço colaborativo de monitoramento de direitos humanos. As atividades ocorrem desde 2017 em escolas públicas do município de São Paulo e uma escola em Paulínia/SP. Para conhecer mais as ações desenvolvidas pelo projeto acesse as redes sociais do projeto Disponível em: @podhe.nev, Acesso:26 de junho de 2025.

(prevenção) como da opção por instrumentos pacíficos de atuação quando os problemas ocorrem (intervenção)”.

De acordo com Tognetta e Tessaro (2025), conviver é uma necessidade do ser humano, visto sua condição de agente social. Nesta perspectiva, iniciativas de promoção da convivência valorizam e potencializam a escola como uma instituição responsável pela promoção de espaços de convivência e socialização. Assim, o olhar sobre a escola neste trabalho valorizará o potencial desse espaço público na promoção da convivência como um local ideal para “aprender a viver de maneira participativa, respeitosa e ética, fortalecendo valores democráticos” (Vinha et al., 2024, p.14).

A partir disso, esse manuscrito pretende dialogar com uma experiência formativa realizada no curso “Violência Escolar e Formação Docente”, ofertado pelo Programa de Extensão da UFPE – PIBEX⁴, sob a coordenação da professora Dra. Catarina Gonçalves. A partir disso, realizo um exercício de revisão sistemática da literatura indicada durante o curso com objetivo de refletir sobre a questão: quais os caminhos podem ser percorridos no enfrentamento das violências escolares?

Durante a atividade extensionista professores, gestores, educadores e pesquisadores de diversos estados e universidades brasileiras buscaram dialogar sobre a complexidade das violências enquanto um fenômeno multifatorial e os desafios para prevenção nas escolas. O curso no formato síncrono promoveu debates e foram enriquecidos com a indicação de leituras abordando temáticas como ataques de violência extrema, *bullying*, militarização na gestão de unidades escolares no Brasil, educação em direitos humanos, clima escolar, entre outros temas. O curso está em sua segunda edição e propõe o fortalecimento de comunidades escolares para compreender, mediar, intervir e propor ações educativas e de promoção da convivência para a prevenção de diversas formas de violências em escolas.

A revisão sistemática de acordo com Rother (2007) refere-se a um método de pesquisa que parte de publicação científica em meios eletrônicos, com o objetivo de auxiliar na construção de um novo estudo. Nesta revisão para reunir percepções sobre a questão que norteia este estudo foram analisados neste trabalho cinco artigos: Botler (2025), Botler e Nascimento (2020), Santos e Alves (2023), Schilling e Moro (2008) e Vivaldi, Adduci (2024).

4 O curso “Violência escolar e formação docente: reflexões sobre o manejo pedagógico do problema” promovido pelo projeto de Extensão Violência Escolar e Formação Docente do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Violência Escolar (NEPEVE), vinculado ao Centro de Educação da UFPE, com duração de 40 horas, ministrado no formato remoto síncrono, envolveu pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Foram ofertadas 80 vagas, sendo 60 destinadas a professores de escolas públicas, assim como psicólogos, pedagogos, profissionais de gestão que atuam em instituições educativas. Mais informações sobre o trabalho realizado pelo grupo de pesquisa Disponível em: @nepeve.ufpe, Acesso:12 de junho de 2025.

A seleção dos artigos citados justifica-se pelas afinidades temáticas com o objeto de análise da revisão sistemática, como eles compreendem a escola como um espaço profícuo para o trabalho preventivo de violências escolares e identificam caminhos metodológicos para intervenções. Dessa maneira, busquei extrair dos textos indicados: i) definições do que é escola, ii) delineamento do conceito violência; iii) qual o papel da escola na prevenção de violências; e iv) o compartilhamento de uma iniciativa com a instrumentalização do método Teatro do Oprimido na prevenção de violências na escola.

A revisão foi complementada com poesias dos autores Paulo Freire e Thais Vinha com o intuito de promover a sensibilização por meio de expressões artísticas sobre a temática deste trabalho, valorizando-se, assim, as linguagens artísticas e sua capacidade humanizadora de dialogar com as emoções, pois a dimensão da arte como instrumento de desenvolvimento do pensamento crítico tem um alcance que nenhum outro tipo de linguagem, como as discursivas e científicas, possui.

Desse modo, este trabalho está organizado em três etapas: no item 1. A Escola é apresentada a escola enquanto instituição indispensável para o acesso à educação assim como, um espaço social que poderá reproduzir violências.

No item 2, "Caminhos: Teatro do Oprimido na promoção do diálogo sobre violências em escolas" compartilho os resultados da minha pesquisa de pós-doutorado "Juventude em cena: representações da violência no cotidiano escolar", realizada no Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP) e Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE) que propõe vivências com as técnicas do Teatro do Oprimido com estudantes da primeira série do Ensino Médio para a percepção e diálogo das violências em seu cotidiano.

Em síntese a revisão sistemática apresenta diferentes caminhos para o enfrentamento de violências na escola enfatizando que: i) as violências na escola poderão se inter-relacionar por isso, é necessário reconhecer o papel da escola para a promoção da convivência e fortalecimento das relações sociais; ii) incentivar o diálogo como ferramenta indispensável para a resolução de conflitos. Portanto indica a urgência da criação de políticas públicas, iniciativas de extensão universitária para a formação inicial e continuada de professores e gestores para que possam intervir neste contexto, rompendo com a cultura de violências no ambiente escolar.

1 A Escola é...

A escola é o lugar que se faz amigos. Não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos. A escola é sobretudo gente. Gente que trabalha, que estuda, que alegre, se conhece, se estima. O Diretor é gente, o coordenador é gente, o professor é gente, o aluno é gente, cada funcionário é gente.

Fragmento do “Poema Escola é”, Paulo Freire⁵

A educação é um direito de todos, podendo ser promovida em diferentes formas na educação formal e não formal. A escola é um espaço para a realização do direito à educação, sendo sua missão o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho” (Brasil, 1998, p.123). É no espaço escolar que crianças, adolescentes, jovens e adultos têm acesso ao conhecimento diverso e desenvolvem suas potencialidades e a sua formação cidadã.

No sentido de agrupamento coletivo de acordo com Vinha (2023, p.12):

[...] a escola caracteriza-se por um contexto específico, em que as pessoas convivem diariamente por muitas horas, trabalham, estudam, interagem. É um corpo social formado por grupos diversos e complementares que se inter-relacionam, como professores, gestores, funcionários, estudantes e famílias.

Neste aspecto, Moro (2024) destaca que na escola ocorre o encontro com a diversidade, tornando possível a humanização das relações. Thais Vinha⁶ indaga no poema “Onde, senão na escola?” se crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão conviver e se relacionar para o exercício pleno de sua cidadania. Neste aspecto, a autora apresenta essas reflexões sobre o papel da escola na interação com a diversidade:

Onde, senão na escola? Entendo que escutar é tão importante como falar. Descubro que tenho uma voz e aprendo a usá-la. Deixo de ser o filho especial e passo a ser só mais um aluno. Observo que o comportamento que tenho em casa nem sempre funciona com meus colegas e professores e

5 “Poema Escola é”, Paulo Freire, Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/>, Acesso: 18 de junho de 2025

6 Poema “Onde, senão na escola?”, Thais Vinha. Disponível em: <https://ombudsmas.blogspot.com/2012/05/onde-senao-na-escola.html>, Acesso em 18 de junho de 2025.

com isso mudo. Se não é na escola, onde é? Alguém sabe responder? (Vinha, Thais. Onde, senão na escola? , 2012).

De acordo com os autores sistematizados neste trabalho, o conceito “escola” foi definido por Botler (2025) como um lugar propício para resolver conflitos de maneira não violenta. Santos e Alves (2023) a definem como uma instituição para formação, transgressão e superação de tudo aquilo que nos aprisiona. Segundo Moro; Vivaldi; Abduci (2024), a escola é um espaço onde, por excelência, são permitidas as relações e interações sociais.

Brasil (2023, p.32) explica que “devido às suas especificidades como instituição, a escola percebe, fomenta e constrói múltiplos e variados tipos de violências”. No cotidiano escolar, ela poderá ser autora de processos violentos, produtora e reguladora de violências.

De tal forma que é necessário fazer algumas distinções de acordo com Charlot (2002) a “violência contra a escola” trata-se de atos relacionados a depredação e insultos a funcionários e professores ademais a “violência da escola”, poderá ser institucional ou simbólica. Portanto a “violência na escola” não está condicionada a apenas um fator uma vez que o ambiente escolar é assumido como um lugar onde são estabelecidas e vivenciadas relações sociais complexas e peculiares, necessariamente influenciadas pelo contexto social, político, econômico e tecnológico. Em síntese, a violência à escola (ou violência contra a escola) são manifestações de violência na escola (Brasil, 2023, p.40).

Cabe também considerar que os ataques de violência extrema a escolas é uma dimensão desse fenômeno que apresenta características e motivações específicas como o planejamento e o emprego de diferentes tipos de armas com a intenção de causar a morte de uma ou mais pessoas de acordo com Vinha et al. (2023, p.6) “são motivados por ressentimentos, preconceitos, discriminação, racismo, misoginia, intolerância à existência de um grupo, aversão completa a outra pessoa, sectarismo, extremismo, entre outros sentimentos e concepções e valores análogos”.

Por outro lado, a escola promove diversas formas de interação, convivência e humanização das relações na perspectiva freiriana o “Poema Escola é” de Paulo Freire apresenta a essência da escola enquanto espaço promotor da convivência, onde professores, gestores, coordenadores e alunos estão reunidos por um objetivo comum “educar-se, estudar, trabalhar e também criar laços de amizade”. Contudo a escola é um espaço para conviver, assim como aprender a conviver. Nesta perspectiva, Vinha et al. (2023, p.50-51) explicam que: “conviver se aprende convivendo, é experiencial e é visível”.

1.1 Caminhos e recomendações para prevenção de violências na escola

Vinha et al. (2023) no “Relatório de Ataques de violência extrema em escolas no Brasil causas e caminhos” dedicam uma seção do documento a recomendações para prevenção de violências em instituições de ensino, desse modo, sistematizei algumas indicações referentes à promoção da qualidade da convivência nas escolas.

Com foco no trabalho com os estudantes, o relatório sugere a ampliação e oferecimento de i) atividades artísticas, espaços para lazer, socialização e esportes. De acordo com os autores:

Essas atividades são ótimas alternativas à exposição excessivas às plataformas on-line, pois promovem a socialização e a preservação da herança cultural, além de favorecer a construção de habilidades como a comunicação, expressão emocional, cooperação, empatia e criatividade fortalecendo o senso de pertencimento à comunidade (Vinha et al., 2023, p.37).

Da mesma forma foi ressaltada a importância do ii) fortalecimento e ampliação do protagonismo dos jovens; neste aspecto, o relatório sugere a implementação de assembleias ou rodas de diálogo, e práticas restaurativas, círculo de construção de paz, círculos restaurativos, e a formação de Equipes de Ajuda compostas por “grupos de estudantes que apoiam os colegas que têm dificuldades, vivenciam sofrimentos, são excluídos ou sofrem *bullying*, acolhendo-os e ajudando os que mais precisam” (Vinha et al., 2023, p.49).

Com a finalidade do fortalecimento do agrupamento coletivo dos jovens, o relatório também indica o incentivo a movimentos autônomos coletivos como por exemplo grêmios que representam os interesses dos estudantes na escola, e oportuniza um importante espaço de cidadania, construção coletiva e luta por direitos e reconhecimento de responsabilidades. Ademais também é sugerida a implementação do Sistema de Apoio entre iguais, “em que os próprios alunos ajudam uns aos outros a lidar com problemas e desafios” (Vinha et al., 2023, p.49).

O relatório sugere também a iii) a garantia de oferta de disciplina ou espaços sistemáticos para que a convivência e a ética sejam objetos de reconhecimento da escola. Isto é espaços na escola destinados à

[...] expressão de sentimentos, tratamento de conflitos interpessoais, violências naturalizadas, educação estética,

projetos anti-*bullying*, comunicação não-violenta, identificação e proteção aos discursos de ódios, misoginia, racismo, habilidades socioemocionais, entre outros (Vinha et al., 2023, p.48).

Neste aspecto, cabe destacar que o fortalecimento da educação em direitos humanos no espaço escolar ultrapassa os limites da sala de aula e poderá ser parte integrante dos currículos, projetos políticos pedagógicos, regimentos escolares, materiais didáticos e na gestão democrática. Juntamente de um iv) Plano de Institucional de convivência integrado ao Projeto Político Pedagógico da Escola.

Por fim, v) a formação aprofundada e continuada de professores. De acordo com os autores é essencial que as iniciativas de formação tenham uma abordagem na e para a prática e que ofereça suporte a professores e equipe gestora no processo de implementação das mudanças necessárias.

No Brasil, o governo federal, estados e municípios têm adotado ações para o enfrentamento e prevenção da violência escolar, no entanto fica evidente na prática que as políticas públicas para essa finalidade precisam estar integradas às demais políticas educacionais, sociais, saúde e Rede de Proteção. De acordo com Vinha et al. (2023, p.46), “a escola pode ser cenário de violência e sofrimento emocional, mas também pode ser um espaço privilegiado de prevenção das violências, de proteção e de promoção da convivência democrática”.

2 Caminhos: Teatro do Oprimido na promoção do diálogo sobre violências em escolas

Tentando
Encontrar
Algum
Teatro que
Revelasse
Oprimidos e opressores na escola.

Desafiei
Os estudantes de duas escolas públicas a

Oportunizar um espaço
Para revelar as violências que
Resistem em seus cotidianos
Interpretando dilemas reais
Mobilizamos reflexões, diálogos

Importantes para outras perspectivas
Das relações humanas consigo e com
Os outros.
(Acróstico, autora: Fernanda Lemos)

A partir do exposto compartilho os resultados da minha pesquisa de pós-doutorado “Juventude em cena: representações da violência no cotidiano escolar”⁷ como um exemplo prático e interventivo em escolas públicas para a promoção e melhoria da convivência escolar. Essa pesquisa encara o emergente cenário de violências que impactam as escolas brasileiras utilizando o método Teatral Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, como estratégia de prevenção a situações de violência em espaços escolares e integra as ações promovidas no Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE)⁸. Trata-se de uma iniciativa de extensão do Núcleo de Estudos da Violência e da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em escolas públicas localizadas em São Paulo, com o objetivo de implementação de observatórios de direitos humanos.

De acordo com Boal⁹ (2002), o Teatro do Oprimido é um método teatral e estético composto por um sistema de jogos e exercícios físicos e diversas técnicas como Teatro Jornal, Teatro Imagem, Teatro Fórum, Teatro Invisível, Arco Íris do Desejo, Teatro Legislativo e a Estética do Oprimido. A base metodológica do Teatro do Oprimido compreende que “todos os seres humanos são artistas de todas as artes, cada um do seu jeito” e poderão se expressar artisticamente. Por meio de histórias reais de violências e opressões vivenciadas pelos participantes, o método em sua essência propõe o rompimento das opressões por meio da produção coletiva de alternativas para a transformação dos problemas sociais e interpessoais apontados mediante o diálogo teatral: as técnicas do TO oportunizam que atores e espectadores reflitam sobre as estruturas por meio do teatro.

A partir dessa experiência teatral, o propósito da pesquisa teve como objetivo construir essas definições significados e percepções junto aos estudantes como compreendem as violências na escola e quais as alternativas surgem por meio do coletivo para mudanças nesse contexto. Colaboraram com essa pesquisa quarenta e um estudantes divididos em três turmas da 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual Dr. Ubaldo

⁷ Esta pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo:2022/15098-5.

⁸ Para conhecer mais as ações do Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), Disponível em :<https://nev.prp.usp.br/projetos/projetos-especiais/>, Acesso: 17 de junho de 2025.

⁹ Augusto Boal, nascido do Rio de Janeiro, em 16 de março de 1931, dramaturgo, encenador e criador do método estético e teatro Teatro do Oprimido, difundido em inúmeros países.

Costa Leite¹⁰, e noventa e dois estudantes, integrantes de quatro turmas na Escola Estadual Professora Amélia Kerr Nogueira, os participantes dessa pesquisa possuem faixa etária entre 15 e 16 anos, em sua maioria autodeclarados pretos e pardos. Nas duas escolas, a pesquisa totalizou cento e cinquenta e cinco estudantes colaboradores¹¹.

Para sua instrumentalização, foi realizada a coleta de dados dividida em dois momentos oficinas teatrais com base no método Teatro do Oprimido e posteriormente a aplicação do questionário. As oficinas com os estudantes ocorreram em dez encontros com cada escola no período de agosto de 2023 a dezembro de 2023. As oficinas tiveram como base as técnicas jogos e exercícios teatrais, Teatro Imagem e Teatro Fórum, a partir disso, as cenas teatrais produzidas pelos estudantes, apresentaram as questões discutidas neste estudo. Dessa forma, criou-se, nas oficinas de Teatro do Oprimido nas escolas parceiras, um espaço de diálogo sobre violências, com o intuito de estimular os participantes a criarem cenas que expressassem suas experiências relacionadas às violências dentro e fora da escola, o material cênico promoveu debates e revelou o contexto de análise deste estudo.

Para colaborar com o aprimoramento qualitativo da pesquisa e aprofundar o espaço de diálogo sobre as microviolências presentes na escola, os participantes responderam a um questionário semiestruturado na perspectiva de Gil (2008), com o objetivo de ampliar o debate com os estudantes sobre violências e, a partir disso, criar estratégias para prevenção dessas situações na escola. O instrumento¹² foi organizado em vinte e três questões divididas em quatro categorias: a) informações sobre o perfil dos participantes; b) experiência com violência na comunidade; c) identificação das violências recorrentes na escola; e d) levantamento de alternativas para prevenção a partir de proposições dos estudantes.

Os resultados da pesquisa na Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite mostraram que os estudantes adquiriram durante o processo uma maior consciência crítica dos diversos tipos de violências que atravessam suas realidades. Com a propriedade de identificar as violências presentes em seu cotidiano dentro e fora da escola, torna-se possível aprofundar as discussões sobre a normalização das violências. Por meio da experiência com o Teatro do Oprimido, a encenação das brigas escolares mobilizou

¹⁰ Na Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite ao longo do semestre 63 estudantes participaram das oficinas de Teatro do Oprimido, no entanto foi considerado para análise os 41 estudantes que responderam ao questionário.

¹¹ Esta pesquisa foi submetida à apreciação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, obtendo o Certificado de Apresentação Ética (CAAE) 69.009123.7.0000.0138.

¹² Questionário Aplicado com os estudantes participantes da pesquisa disponível em: <https://forms.gle/dbtBkowa12k8tbVEA>

discussões sobre o potencial do diálogo como mecanismo de resolução de conflitos, contribuindo para o incentivo de mudanças de comportamento e desconstrução de uma cultura de violência na escola.

Foi possível constatar que a comunicação e a expressão de pontos de vista e opiniões dos participantes se fortaleceram com mais autonomia, verificando-se, durante a pesquisa, o encorajamento dos estudantes por meio das vivências com técnicas do Teatro do Oprimido, sobretudo no Teatro Forum, onde compartilham e autorizam suas histórias para se tornarem objetos de reflexão. Durante a pesquisa, foi observada uma maior implicação dos estudantes em propor alternativas para as violências e opressões apresentadas em cena mostrando uma postura crítica e participativa que não era evidente nas primeiras etapas da pesquisa.

Na Escola Estadual Professora Amélia Kerr Nogueira, os resultados demonstraram que vivências com o método Teatro do Oprimido facilitaram o diálogo sobre violências e oportunizaram um espaço para a expressão de sentimentos e emoções. Nesta comunidade escolar os estudantes identificaram mediante as cenas apresentadas a violência verbal como recorrente no cotidiano escolar e durante os diálogos oportunizados nos fóruns demonstraram interesse em rever a forma de comunicação que estabelecem uns com os outros. O espaço oportunizado para dialogar sobre as violências, durante a pesquisa, contribuiu para que os participantes refletissem sobre suas realidades e as relações estabelecidas na escola e como poderão se implicar em mudanças decididas coletivamente.

Os resultados da pesquisa nas duas instituições de ensino delinearão perspectivas para intervenções educativas relacionadas à prevenção das diversas formas de violências na escola, possibilitando apontar direções e inspirar metodologias para professores, gestores, e orientadores educacionais das escolas parceiras e com potencial para multiplicação em outras realidades educacionais. É importante ressaltar que a essência do método consiste na prática de ações continuadas e multiplicação, desse modo, as mudanças efetivas na cultura escolar por meio deste método pressupõe a continuidade do trabalho para o aprimoramento das relações estabelecidas nesse espaço.

Em síntese a pesquisa nas duas escolas revela que em ambos os contextos escolares os diversos tipos de violências estão presentes no cotidiano dos estudantes na Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite, dos quarenta e um estudantes que responderam ao questionário 90%, cerca de trinta e sete estudantes, relataram já ter sofrido algum tipo de violência no ambiente escolar.

Por outro lado, na Escola Estadual Professora Amélia Kerr Nogueira, dos noventa e dois estudantes que responderam ao questionário¹³ 78% relataram que já sofreram algum tipo de violência na escola, ou seja, aproximadamente setenta e dois confirmam experiências de violências na escola.

Em ambas as unidades escolares os estudantes mencionaram nas encenações realizadas as brigas na escola como uma violência recorrente em seus cotidianos. Na Escola Professora Amélia Kerr Nogueira, de acordo com os noventa e dois respondentes, 29,5% afirmaram que já se envolveram em brigas na escola, cerca de vinte e sete estudantes. Apesar disso, 12%, cerca de onze estudantes, argumentaram que se envolveram em brigas para defender os colegas de agressões verbais. Em sua maioria os estudantes afirmaram que as brigas são motivadas por agressões verbais proferidas em diversos espaços da escola.

Na Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite, dos quarenta e um participantes, que responderam ao questionário 44,7% relataram que já se envolveram em brigas na escola, ou seja, dezoito estudantes. No entanto, 7,9% relataram que se envolveram em brigas para defender colegas vítimas dessa agressão. De acordo com 38,9% dos participantes, em torno de quinze estudantes confirmam que pelo menos uma vez por semana há brigas na escola.

A violência de gênero não foi ressaltada na Escola Estadual Dr. Ubaldo Costa Leite como uma violência recorrente, sendo mais expressiva no relato dos estudantes da Escola Estadual Prof.^a Amélia Kerr Nogueira, que citaram a transfobia e a homofobia como violências presentes na escola.

Além disso, nos dois contextos educacionais em que a pesquisa foi aplicada o uso do celular para registrar violências foi identificado nas experiências dos estudantes, ademais na Escola Estadual Ubaldo Costa Leite o *cyberbullying* foi considerado uma violência recorrente destacando-se a hostilidade do ambiente virtual. O “Atlas da Violência” de 2023 chama a atenção “para o fato de que São Paulo apresenta a maior diferença para a proporção de *cyberbullying* entre o ensino médio e fundamental, ou seja, a maior incidência é entre os alunos com mais idade” (Cerqueira; Bueno, 2023, p.38).

O racismo e a violência contra a mulher foram identificados nas experiências dos participantes nas duas escolas, nesse aspecto cabe destacar dados estatísticos relacionados à realidade do território no qual

13 As oficinas de Teatro do Oprimido, que compuseram a coleta de dados dessa pesquisa, foram realizadas durante um semestre letivo, com quatro turmas de estudantes do 1º ano do Ensino Médio, totalizando 160 participantes, o questionário foi respondido por 92 estudantes.

a escola está inserida que confirmam esses dados¹⁴. De acordo com o “Mapa da Desigualdade 2023”¹⁵, o território no qual a escola Professora Amélia Kerr está inserida, na região do Jardim Ângela, ocupa a primeira posição em população autodeclarada preta e parda na cidade de São Paulo. Entretanto, dos noventa e dois distritos de São Paulo, ela ocupa a sexta posição em denúncias relacionadas à violência racial. Nesse aspecto, a escola poderá exercer um papel fundamental sobre a compreensão da construção histórica e cultural dessas violências em nossa sociedade a partir da realidade do território. O Projeto Observatório de Direitos Humanos em Escolas (PODHE), projeto ao qual essa pesquisa está vinculada, é uma iniciativa que colabora e apoia a escola para conscientização e prevenção de todos os tipos de violência na escola.

Nas duas realidades educacionais na qual a pesquisa foi aplicada, foi identificado que a violência do entorno da escola também mobilizou discussões nas oficinas de Teatro do Oprimido. A região na qual as escolas participantes estão localizadas é composta por bairros com população diversificada e enfrenta vulnerabilidades que combinam diversos fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e educacionais. De acordo com Lahr (2022), esses fatores se manifestam de várias formas: pobreza extrema, falta de oportunidade, isolamento social e exposição à situação de risco.

Desse modo, a combinação dessas vulnerabilidades causa impactos negativos na vida das pessoas e acentua desigualdades sociais: tanto o Jardim Ângela como a Brasilândia expressivamente convivem com essas desigualdades em comparação com outras regiões da cidade. Nas duas comunidades escolares na qual a pesquisa foi aplicada, os estudantes compartilham sentimentos de ausência de escuta de acolhimento por parte da gestão e professores. Nessa perspectiva os espaços de diálogo são essenciais para a prevenção de violências na escola.

Por fim, as vivências com as técnicas do Teatro do Oprimido, nas escolas parceiras, oportunizaram aos participantes uma maior percepção das violências em seus cotidianos e suscitou reflexões e críticas sobre suas realidades, ampliando dessa forma suas percepções sobre as violências como uma expressão social, cultural e multifatorial.

Os resultados alcançados nas oficinas de TO, a partir de vivências nas técnicas Teatro Imagem e Teatro Fórum, mostram a urgente necessidade de ampliarmos o debate sobre as diversas formas de violência e promover espaços reflexivos sobre suas implicações na escola e na vida em

14 De acordo com o Mapa da Desigualdade 2023, a região do Jardim Ângela ocupa a 22ª posição nos indicadores de violência contra mulher e a 33ª posição em registros de feminicídio.

15 Disponível em: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>. Acesso 30 de junho de 2025.

sociedade. Os jogos e exercícios teatrais contribuíram para o fortalecimento da convivência e da socialização. Com os exercícios do Teatro Imagem, foi possível identificar questões sensíveis do universo escolar, sendo possível dialogar sobre violências explícitas e veladas.

A vivência teatral com o método suscitou reflexões sobre o impacto das experiências com violência na saúde mental e a importância de expressar sentimentos e emoções nos momentos de resolução de conflitos. As técnicas do TO mostraram-se inclusivas facilitando a participação de estudantes com necessidades especiais. O diálogo sobre violências e violações de direitos estimulou nos estudantes uma postura crítica capaz de identificar as desigualdades sociais presentes em seus territórios.

Considerações Finais

Com o aumento significativo das violências nas escolas é necessário apoiar as comunidades escolares a olhar um fenômeno social complexo e percebê-la como capaz de agir coletivamente para a prevenção desses impactos a partir do reconhecimento da escola enquanto um espaço propício para a formação educativa, social e comunitária. O crescimento das diversas expressões de violências nas escolas nos convida a aprender a olhar para esse espaço social como um espaço indispensável para a formação de cidadãos com comportamentos avessos à violência. Nessa perspectiva quais os caminhos podem ser percorridos no enfrentamento das violências escolares? essa reflexão me convidou a refletir sobre a escola e o seu papel na prevenção de violências. Compreendo a escola enquanto comunidade escolar (professores, famílias, funcionários, comunidade ao entorno) é responsável pela mudança no cenário de violências na escola.

A revisão da literatura apresentada no curso salienta o trabalho i) colaborativo para prevenção da violência escolar, ii) ações para a promoção da convivência, iii) esclarecimento de regras e valorização do diálogo. De acordo com Santos e Alves (2023) i) o instrumento para a transformação da escola em uma escola não-violenta é o trabalho com conhecimento, a gestão democrática, o trabalho coletivo em conjunto escola-bairro. Construir uma escola sem violência envolve muitos parceiros, é um trabalho em rede, família, saúde, assistência social, ações contínuas de promoção da qualidade do clima escolar e interligadas a políticas públicas.

Para Moro, Vivaldi, Adduci (2024), ii) ações para a promoção da convivência explicam que além da segurança física é necessário investir na qualidade das relações entre os estudantes e professores, promovendo dessa forma o compromisso coletivo para que a convivência seja um

aprendizado. Do mesmo modo, Botler (2025) aponta para iii) a valorização do diálogo nas situações de conflitos.

A experiência de pesquisa compartilhada como um caminho prático para a promoção da convivência apresenta a instrumentalização do método Teatro do Oprimido com a finalidade de prevenir situações de violências em escolas públicas. Por meio da linguagem teatral, a proposta sugere a ampliação das formas de debater a violência em escolas, por meios estéticos criando por meio do teatro espaços reflexivos sobre as implicações da violência na escola e na vida em sociedade.

Por fim, Schilling (2008) nos convida a uma reflexão importante: a escola, a educação, seria a salvadora da sociedade? A escola é o grande remédio para a violência? Que tipo de escola queremos que a nossa seja? Que tipo de alunos queremos formar?

Para formar estudantes avessos a comportamentos violentos precisamos incentivar a comunicação de maneira não-violenta, que sejam capazes de estabelecer dentro e fora da escola relações empáticas, respeitadas às pluralidades, para que na trajetória escolar seja oportunizada uma formação ética e cidadã, tornando os estudantes capazes e aptos a compreender os direitos humanos como indivisíveis e, assim, intervir e transformar suas realidades.

Queremos que as escolas deixem de ser “gaiolas” e sejam “asas”, nas palavras de Rubem Alves “ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”. Nesta perspectiva, a escola tem essa função de encorajamento para fortalecer comunidades escolares, a enxergarem a violência até então negligenciada como uma expressão social passível de mudança e que estas poderão partir do coletivo. De acordo com Freire, “é por aqui que podemos transformar o mundo”, na valorização do potencial da escola como espaço de convivência.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; LOPES Lucas José Ramos; SILVEIRA, André Bakker da. O papel das escolas na prevenção do extremismo violento. In: SILVEIRA, André Bakker da (org.). *Violência contra escolas no Brasil: perspectivas sobre o extremismo entre jovens e estratégias de prevenção*. Curitiba: Instituto Aurora para Educação em Direitos Humanos, 2024. p. 52-58.
- ABRAMOVAY, Miriam. *Violências nas escolas. Programa de Prevenção à violência nas escolas*. 2ª Edição. Brasil: Flacso, 2021.
- BRASIL, Relatório final: ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Relator: Daniel Cara, Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque->

escolas-brasil.pdf Acesso 19 de ago.2024.

BLOTTER, Alice Miriam Happ; NASCIMENTO, José Almir. (Micro) Políticas em escolas de referência em Ensino Médio: A produção de marginalidade. Educ. Soc., Campinas; v. 46 e285920,2025.

BLOTTER Alice Miriam Happ. Juventude e escola: violências e princípios de justiça em escolares do Ensino Médio. Cad. Cedes, Campinas, v. 40, n.º110, p.26-36, jan.-mar., 2020.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Porto Alegre. Revista eletrônica Interface, ano 4, n. 8, jul./dez., 2002, pp. 432-443. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. Acesso em 03 de jan. 2025.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

COSTA, J. F. Violência e psicanálise. Rio de Janeiro: Graal, 1986

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.

FORTES MENDONÇA, E. A educação em direitos humanos como política pública no Brasil. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, Bauru, v. 9, n. 2, p. 19–33, 2021. DOI: 10.5016/ridh.v9i2.96. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/96>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SCHILLING, Flávia Inês. Indisciplina, violência: debates e desafios. Educação. Grande temas., v. 1, p. 6-17. [2008], 2008,Tradução. Acesso em: 13 jun. 2025

TOGNETTA, L. R. P., & TESSARO, M. (2025). Iniciativas de promoção da convivência escolar realizadas pelas Secretarias Estaduais brasileiras de Educação pós-onda de ataques (2022-2023). Revista De Educação PUC-Campinas, 30.

KRUG, E. et al. (org.). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

LAHR, T. B. S. Territórios vulneráveis: os problemas de convivência na escola e a rede de proteção. 2022. 533f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia (org.). Impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

MORO Adriano; VIVALDI Flávia; ADDUCI Renata. O investimento da convivência e no clima escolar para uma educação de qualidade. In: Educação, escola e pós-pandemia: discussões sobre convivência e aprendizagem / Denise D' Auria-Tardeli. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

QUEIROZ, Cristina. Crise de convivência na educação, Edição impressa n.º350, Revista FAPESP, abril de 2025.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

SANTOS, C. de A.; ALVES, M. F. Militarizar e encarcerar a Educação Básica para um projeto de nação. Educere et Educare, [S. l.], v. 18, n. 47, p. 90–112, 2023. DOI: 10.48075/educare.v18i47.30698. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/30698>. Acesso em: 1 jul. 2025.

TOGNETTA, L. R. P.; TESSARO, M. Iniciativas de promoção da convivência na escolar realizadas pelas Secretarias Estaduais brasileiras de Educação pós onda de ataques (2022-2023). Revista de Educação PUC Campinas, v. 30, e14543, 2025. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v30a2025e14543>.

SILVA Junior, A. B.; URT, S. C. O enfrentamento da violência na escola: o que as produções científicas apontam como medidas? Psicologia da Educação, n. 53, p. 55-65, 2021. Doi: <https://doi.org/10.23925/2175-3520.2021i53p55-65>.

VINHA, Telma et al. Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

Submetido em maio de 2025
Aceito em dezembro de 2025
Publicado em agosto de 2026

